

INTÉRPRETE EDUCACIONAL SINÔNIMO DE INCLUSÃO: DIZERES DE EDUCANDOS SURDOS SOBRE ATUAÇÃO DO IE.

Waldma Maíra Menezes de Oliveira - UFPA¹

Eixo temático: Interpretação em contextos comunitários (educacional, jurídico e médico)

Modalidade: Comunicação oral

Resumo:

O presente trabalho apresenta como objetivo geral analisar as representações sociais de educandos surdos sobre o Intérprete de Língua de Sinais, no contexto educacional, buscando identificar as implicações destas representações na aprendizagem e no processo de inclusão educacional dos educandos surdos. Os objetivos específicos são: investigar as imagens e os sentidos atribuídos pelos alunos surdos ao Intérprete de Língua de Sinais na prática educacional e identificar como as Representações Sociais sobre os Intérpretes, por parte dos educandos surdos, interferem no processo de sua aprendizagem educacional. Os sujeitos da pesquisa são dez educandos surdos que compartilharam suas representações sobre atuação do intérprete educacional no nível superior. A investigação apresenta enfoque qualitativo, com o uso, no seu procedimento, da técnica do desenho. A abordagem no campo das Representações Sociais é a processual de Moscovici (2009). De acordo com os resultados das representações sociais dos educandos surdos, o intérprete educacional é peça fundamental na construção da inclusão, haja vista que sem ele o surdo fica isolado, sem informação e sem aprendizagem. Desse modo, a este profissional é atribuída a responsabilidade de educar, interpretar e orientar o surdo no contexto do ensino superior.

Palavras-Chave: Representações Sociais. Intérprete educacional. Educando surdo.

1. Introdução

A educação inclusiva traz em sua essência a convivência de sujeitos plurais em um ambiente educativo, em que partindo da diferença como alteridade, os sujeitos *com* ou *sem* deficiência, possam aprender e construir suas identidades, por meio de encontros pedagógicos dialógicos, amorosos e afetivos com o outro.

Assim, ao pensar na educação de surdos na conjuntura da educação inclusiva, deve-se considerar as especificidades linguísticas inerentes a esses sujeitos. Isto

¹Professora Assistente I da Universidade Federal do Pará (UFPA). Mestre em Educação pela Universidade do Estado do Pará (UEPA). Pesquisadora do Núcleo de Educação Popular (NEP) da UEPA, vinculada a linha Educação Inclusiva e Diversidade, e colaboradora do Observatório Nacional de Educação Especial (ONEESP) coordenado pela Universidade Federal de São Carlos (UFSCar). Coordenadora do Grupo de estudos surdos na Amazônia Tocantina- GESAT da Universidade Federal do Pará – Campus Cametá. Email: waldma@ufpa.br

significa, que o educando surdo deve conviver em um ambiente bilíngue que favoreça a construção de sua identidade e valorize a comunicação por meio da Libras.

Todavia, pesquisas apontam que a educação inclusiva desconsidera as especificidades linguísticas dos surdos, não dispõe de práticas pedagógicas que favoreçam a sua aprendizagem e não possibilitam um ambiente efetivamente bilíngue. (LACERDA (2000); LIMA (2011); DORZIAT (2009))

Entende-se que, estar no mesmo ambiente convivendo com ouvintes não significa que o surdo esteja efetivamente incluído, haja vista que, pode estar em um ambiente e não ter acessibilidade linguística e pedagógica.

É pertinente mencionar que, a criação de um ambiente bilíngue, deve ser a primeira medida realizada para inclusão do educando surdo no espaço educativo, todavia, faz-se necessário, outras medidas para possibilitar uma efetiva inclusão educacional e linguística, como: um currículo flexível, práticas pedagógicas inclusivas, metodologias diferenciadas, etc.

Para que ocorra a participação do educando surdo no ensino superior, é importante que os outros sujeitos sejam bilíngues (usuários da Língua Portuguesa e da Língua Brasileira de Sinais), porém, tal condição raramente é atendida, na medida em que são poucos os ouvintes que conhecem a Libras. Portanto, no processo de inclusão do aluno surdo surge um personagem imprescindível que media as relações pessoais e de conhecimento, com o objetivo de possibilitar ao surdo se comunicar com o outro desconhecedor da língua de sinais, o intérprete. Tal personagem assume lugar de destaque nesse processo, sendo um recurso humano de acessibilidade.

A problemática, então, que se levanta para investigação é: quais são as imagens e sentidos de educandos surdos acerca do profissional intérprete de Língua de Sinais no contexto educacional e as implicações destas representações na aprendizagem e no processo de inclusão educacional dos mesmos?

2. Objetivos

Objetivo geral

- Analisar as representações sociais de educandos surdos sobre o Intérprete de Língua de Sinais, no contexto educacional, buscando identificar as implicações destas representações na aprendizagem e no processo de inclusão educacional dos educandos surdos.

Objetivos específicos

- Investigar as imagens e os sentidos atribuídos pelos alunos surdos ao Intérprete de Língua de Sinais na prática educacional;
- Identificar como as Representações Sociais sobre os Intérpretes, por parte dos educandos surdos, interferem no processo de sua aprendizagem educacional.

3. Metodologia

Realizou-se pesquisa de campo, de abordagem qualitativa. De acordo com Ludke e André (1986, p. 11), a pesquisa qualitativa “tem o ambiente natural com sua fonte direta de dados e o pesquisador como seu principal instrumento”.

A abordagem no campo das Representações Sociais é a processual de Moscovici (2009), por tratar o foco da gênese das Representações Sociais, analisando os processos de sua formação considerando a historicidade e o contexto de produção, formando assim dois processos de representações: a objetivação e a ancoragem, que têm uma relação dialética entre si e permitem a construção de um núcleo figurativo que se apresenta com uma estrutura simbólica.

Os dados foram coletados em uma Instituição de Ensino Superior particular na região metropolitana de Belém, por meio do uso da técnica do desenho. Os sujeitos da pesquisa são 10 educandos surdos do Curso de Pedagogia, pertencentes ao 1º, 3º e 5º semestre, correspondendo à 30% de educandos no 1º semestre, 20% no 3º semestre e 50% no 5º semestre, sendo 30% vespertino e 20% noturno. O quantitativo dos sujeitos revela na pesquisa o percentual de 30% homens e 70% mulheres. A média aritmética da idade dos sujeitos corresponde 23.9. Neste estudo os sujeitos são mencionados por nomes fictícios.

A técnica de elaboração do desenho foi utilizada com intuito de elucidar, nos sujeitos da pesquisa, conceitos, saberes e representações sobre o intérprete educacional, complementando as informações obtidas nas entrevistas. Dessa maneira, a técnica do desenho aparece como base na pesquisa, pois tem o poder de evidenciar as representações obtidas pelos sujeitos que não conseguiram expressar de maneira sinalizada.

Os dez sujeitos assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido autorizando a realização da pesquisa e divulgação das imagens produzidas.

Na análise dos dados se trabalhou “o material acumulado, buscando destacar os principais achados da pesquisa” (LUDKE; ANDRÉ, 1986, p. 48), criando-se categorias temáticas que possibilitaram a organização do relatório da pesquisa. Os dados coletados foram sistematizados no seguinte eixo temático: sala de aula com a presença de alunos surdos e intérprete. Neste artigo iremos apresentar imagens e sentidos de cinco educandos sobre o intérprete educacional na sala de aula.

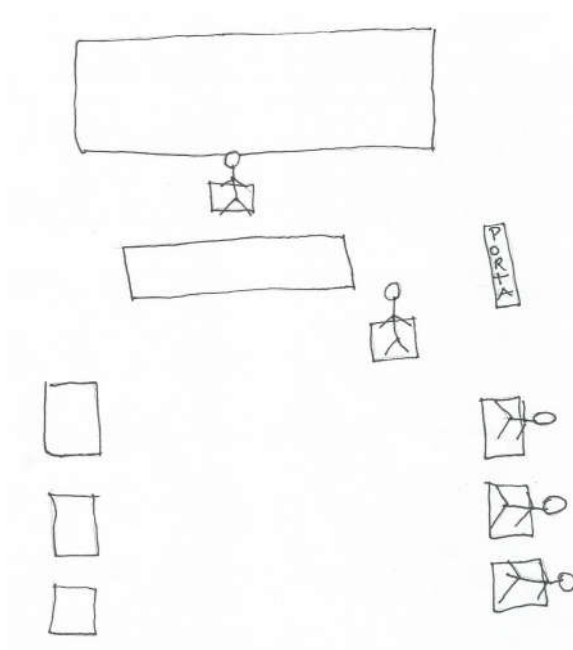
4. Resultados e discussões

4.1 Sala de aula com a presença de alunos surdos e intérprete

A graduanda Mille representa a atuação do Intérprete Educacional - IE em sala de aula, da seguinte forma: “o professor fala o intérprete ouve e passa para Libras para nós... a gente fica prestando atenção nele”. (*Entrevistada Mille*)

Ao elaborar o desenho da realidade de sua sala, a graduanda infere o discurso “cada um no seu quadrado”, conforme a imagem a seguir.

Desenho 1 – Graduanda Mille



Fonte: coleta de dados da pesquisa

No meu desenho eu fiz os ouvintes separados e os três surdos para cá, eles estão nos quadrados, cada um está no seu quadrado. O professor vai falando o intérprete ouve e faz em língua de sinais para estes três surdos, duas mulheres e um homem. Aí a gente fica prestando atenção no que o intérprete fala dentro de sala de aula. Aqui os quadrados estão representando, cada um no seu espaço, esses são os alunos surdos e estes são os alunos ouvintes, dentro da sala de aula (Entrevistada Mille).

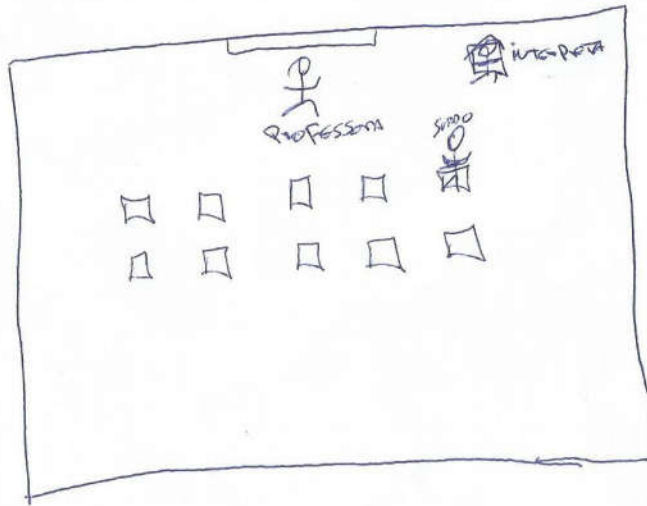
Percebe-se assim, na exposição da graduanda Mille, que cada sujeito ocupa um determinado lugar em sala de aula e pertence a um determinado grupo. O intérprete educacional media as relações de conhecimento entre os sujeitos, haja vista que, está no meio entre o professor e os graduandos surdos.

Para além de sua explicação, observa-se no desenho que cada quadrado corresponde a um sujeito. O professor é posicionado de frente para os alunos e o IE fica no meio entre professor e os surdos, entretanto os alunos ouvintes não aparecem, somente são desenhados seus quadrados. Entende-se assim, que os mesmos são representados por Mille como invisíveis no processo.

Esses quadrados representados por Mille inviabilizam uma relação direta, horizontal e respeitosa entre os sujeitos, na qual, no contato com o outro diferente de si, possam a vim partilhar e elaborar novas aprendizagens. A sua representação evidencia que não há inclusão e sim um processo de integração, posto que estão no mesmo espaço, mas separados por barreiras cristalizadas linguísticas e socioculturais.

Essa visão de integração também está presente na fala do graduando José, que partilha a representação de Mille, ao descrever que: *“o professor está aqui, o intérprete e o surdo nesses quadrados e os ouvintes naqueles”* (Entrevistado José), conforme vislumbrado no desenho a seguir.

Desenho 2 – Graduando José



Fonte: coleta de dados da pesquisa

Esse aqui é o desenho que eu fiz, esse sou eu, o professor está aqui e o intérprete na minha frente e nos outros quadrados os alunos [...] Esse intérprete faz a tradução para nossa língua, enquanto que o professor dá mais atenção e fica falando mais com os alunos ouvintes, já que é a mesma língua e a gente espera um pouquinho o intérprete fazer para libras, para nossa língua e aí a gente entende a informação. (Entrevistado José)

No discurso de José percebe-se, também, que cada sujeito ocupa um espaço na sala de aula e este é marcado pela Língua, ou seja, usuário da Língua Portuguesa para um lado e o da Libras para outro, gerando assim, uma constituição de pares/grupos.

Vale pontuar que no discurso de José a relação afetiva de proximidade ocorre pela língua, posto que “ele dá mais atenção e fica falando mais com os ouvintes já que é a mesma língua” (Entrevistado José). Assim, observa-se por meio do discurso de José que o professor se relaciona mais efetivamente com os alunos ouvintes, por pertencer ao grupo deles em sala de aula, ou seja, o grupo falante da Língua Portuguesa.

Destaca-se, ainda, que o olhar para os outros no espaço educacional é limitado, ao inferir lugares que os indivíduos devem ocupar. José, igualmente como Mille, não retratou os alunos ouvintes e, sim, os seus quadrados. Enfatiza-se que o outro aluno surdo não é ilustrado no desenho. Desse modo, o graduando José ilustra no desenho uma relação triangular entre o professor, o intérprete educacional e o aluno surdo, conforme descrito por Martins (2006).

Mille e o José partilham a representação que o intérprete educacional pertence ao grupo dos surdos por ser usuário da Libras. Entende-se, então, que o processo de inclusão só diz respeito ao grupo minoritário (surdos) e ao seu profissional, o intérprete educacional. Entretanto, a inclusão educacional não é um processo de um grupo minoritário sobre si mesmo, dissociado de outros e, sim, a relação direta entre grupos que favoreçam a acessibilidade, a individualidade e a identidade de cada sujeito.

A graduanda Úrsula elabora sua representação social sobre a atuação do intérprete educacional, partindo da premissa de que sua ação é inclusão, é acesso comunicacional, que é materializa no discurso “é com o intérprete que eu entendo” (*Entrevistada Úrsula*), reafirmado por meio do seu desenho:

Desenho 3 – Graduanda Úrsula



Fonte: coleta de dados da pesquisa

Bom, no meu desenho têm três surdos, a intérprete, os ouvintes (alunos ouvintes) e professor que ele fala, fala, fala. Ai a intérprete ouve o que ele fala e faz em libras. Ai eu entendo e depois aprendo. Ai o professor fala, fala, fala e não usa as mãos, por isso eu desenhei sem braços, por que ele não usa

as mãos para falar a língua de sinais, ele usa a boca e aí ele não precisa da mão (Entrevistada Úrsula).

Novamente constata-se a existência de dois grupos em sala de aula, que são constituídos pela língua oral e a sinalizada. Assim, a graduanda Úrsula pontua que o intérprete lhe possibilita adquirir informação acerca do que o professor está explicando, haja vista que, o professor fala, fala, fala, mas ela não entende. Assim, somente com a mediação do intérprete a mesma adquire informação e em seguida constrói seu conhecimento.

É relevante pontuar, que para além da explicação dada por Úrsula, observa-se no desenho que o professor é o único sujeito sem braços e mãos, posto que segundo a entrevistada ele não os utiliza na aula, pois só explica o conteúdo falando oralmente. Essa situação é problematizada por Dorziat (2009, p. 26) ao afirmar: “sem dúvida, é impensável a inclusão escolar de surdos que não considere a língua de sinais”.

Para a graduanda Tati, a imagem e sentido atribuído ao intérprete educacional é de acessibilidade comunicacional, conforme ilustra em seu desenho.

Desenho 4 – Graduanda Tati



Fonte: coleta de dados da pesquisa

A graduanda Tati explica que “eu fiz um desenho que representa o local, onde eu estudo, a minha sala de aula. A professora de frente para os ouvintes e de lado para nós surdas e na outra ponta tem a intérprete e as surdas” (*Entrevistada Tati*)

Nota-se uma relação triangular entre Tati, a intérprete educacional e a outra surda. Por meio desse profissional (IE) que as surdas têm acesso à aprendizagem. No discurso “a professora de frente para os ouvintes e de lado para nós”, a entrevistada Tati infere uma representação que a professora não se comunica com as surdas, somente com os ouvintes, porque pertence ao grupo dos faltantes da LP, enquanto que as surdas são de outro grupo linguístico, portanto, a responsabilidade é do outro profissional.

A graduanda Tati ao representar a atuação do IE no contexto inclusivo parte da premissa que é por ele que a inclusão do surdo acontece, atribuindo a este profissional uma representação de super-herói que vai salvar o espaço educativo excludente e torná-lo em um espaço de mágica includente. Todavia, salienta-se que o IE é um dos agentes capaz de proporcionar um espaço inclusivo, por meio da mediação entre duas línguas. Atribuir em sua prática tal representação de super-herói é colocar o intérprete como o único responsável pelo sucesso da inclusão educacional do graduando surdo.

Há, portanto, a implantação de uma educação inclusiva binária, por meio de um espaço educativo constituído por dois grupos: os usuários da Libras e os falantes da LP, sendo o professor visto como culpado ou vilão desse processo, por não conhecer a língua utilizada pelo surdo e o intérprete educacional o libertador ou herói da inclusão do surdo por ser usuário da Libras.

O professor pelo fato de não conhecer a Libras, não significa que ele não se importe com os alunos surdos, e, sim, que não obteve formação inicial e/ou continuada para atuar com a pluralidade linguística e cultural de sua sala de aula. Portanto, no processo de inclusão necessita-se entender os limites e possibilidades de cada sujeito, posto que se para o aluno surdo é difícil entender o que professor fala, a sua metodologia e a sua língua, para o professor, também, é difícil entender e trabalhar com o aluno surdo.

Acrescenta-se o fato de que no ambiente do ensino superior o intérprete educacional é a ponte entre o professor e o surdo e entre os alunos ouvintes e o surdo. Assim, a este profissional é atribuído a tarefa de “ensinar o surdo” e de “mediar às relações entre surdos e ouvintes (professor e alunos).

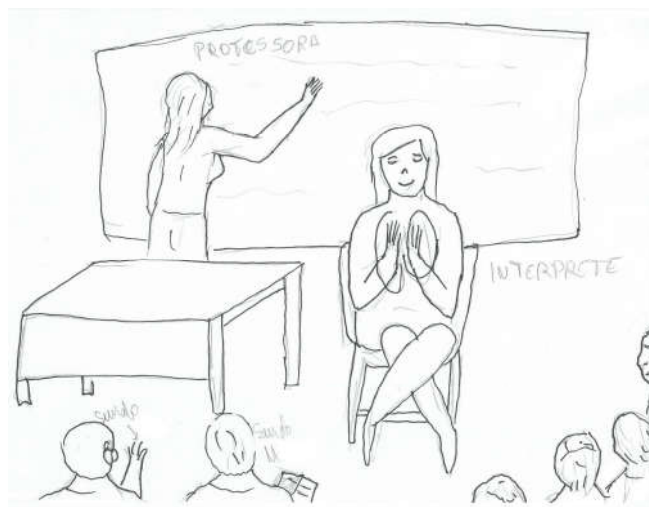
Para além de sua explicação, observa-se no desenho de Tati a invisibilidade da face dos alunos ouvintes. Eles são os únicos indivíduos presentes em sala de aula que não possuem: rosto, nariz, olhos, boca, etc. Tal representação pode ser explicada, ao mencionar-se que os alunos ouvintes estariam de frente para o professor e assim, estariam impossibilitados de ver seus rostos.

Entretanto, e a estrutura de seus cabelos? Ou de seus corpos? Com base em tais inquietações, inferimos que a graduanda Tati ilustra os alunos ouvintes sendo de um único modo, ou seja, representa os ouvintes na normalidade, na média e na homogeneidade, sem vínculos com os surdos, sem laços de identidade e afetividade.

Ao pensar na perspectiva da homogeneidade, a graduanda Tati nega a diferença na própria diferença (FLEURI, 2006), na medida em que, não é porque são alunos ouvintes que não manifestam diferenças entre um e outro, pelo contrário, devem ser reconhecidos como sujeitos plurais e que apresentam singularidades, individualidades e identidades, a partir das relações interpessoais que desenvolveram no decorrer de suas vidas.

O graduando Mauro compartilha com o pensamento de Tati ao explicar que em sua sala a intérprete de Libras promove sua acessibilidade. Ele também exemplifica que na sala existem dois grupos: surdos e ouvintes, de acordo com o desenho a seguir.

Desenho 5 – Graduando Mauro



Fonte: coleta de dados da pesquisa

No meu desenho a professora está de costas explicando, a intérprete ouve e faz a tradução para língua de sinais. Estou aqui e o outro surdo do meu lado e nós ficamos vendo a intérprete e os ouvintes conversando e ouvindo a professora. [...] Então, aqui na sala tem dois grupos de ouvintes e de surdos que vivem separados. (Entrevistado Mauro)

Mauro, como os demais entrevistados, afirma existir divisão de dois grupos: o de ouvintes - falantes da LP e o de surdos - usuários da Libras. Quando o professor está de costas para os alunos realizando a explicação, os alunos ouvintes por serem falantes de uma língua oral podem conversar livremente e ouvir a explicação dada, em contrapartida o aluno surdo não, pois ele necessita manter o contato visual para apreender o ensinamento, já que precisa identificar os sinais por meio da visão.

Nesse sentindo, nota-se que os grupos se formam em sala de aula por serem falantes de línguas com modalidades distintas, partindo da ideia que, se ficar em outro grupo irão perder o contato visual com a intérprete e, portanto, a informação.

Verifica-se no desenho de Mauro que os alunos surdos apresentam uma relação horizontal com a intérprete educacional, pelo fato dela se encontrar no centro no processo de informação e de conhecimento, juntamente com o aluno surdo, enquanto que a professora se encontra afastada do processo, já que se apresenta de costas para todos os alunos, ficando assim impossibilitada de ver as expressões faciais dos alunos de: dúvidas, entendimentos e dificuldades e sobre o que está sendo estudado.

Tal responsabilidade é atribuída novamente ao profissional intérprete, partindo da premissa que, por ele possuir domínio da língua de sinais deve responsabilizar-se pelo aprendizado do graduando surdo.

Desta forma, os graduandos Mille, José, Úrsula, Tati e Mauro atribuíram ao intérprete educacional o **sinônimo de inclusão**, pois para eles o IE faz das mãos um instrumento de acessibilidade, de conhecimento e cidadania. O intérprete se apresenta em um contexto de sala de aula constituído por dois polos: ouvintes e surdos, sendo ele o mediador.

Os desenhos indicam existir uma linha imaginária em sala de aula, demarcada por: quadrados, chaves e traços, que separam alunos ouvintes e o professor de um lado e alunos surdos e IE do outro.

Os desenhos de Mille e de José estão ilustrados por sujeitos que são agrupados em quadrados: no quadrado dos falantes da LP estão os alunos ouvintes e o professor e no quadrado dos usuários da Libras estão os alunos surdos e o intérprete educacional.

Nota-se também que, em cada quadrado tem um grupo de alunos e um profissional responsável por eles.

O desenho de Úrsula demarca uma divisão por chaves, referindo-se que a chave dos surdos pertence ao intérprete educacional e a chave dos alunos ouvintes ao professor. Explica que cada chave tem sua particularidade e cada profissional, que vem a participar dela, deverá ter símbolos, traços culturais e familiaridade com os sujeitos que a compõe.

Tati e Mauro nos seus desenhos representam por meio de traço a divisão de pares, isto é, os usuários da LP estão sempre para o lado esquerdo e os usuários da Libras estão do lado direito. Entende-se, desta forma, existir uma divisão sem muros, demarcada por uma divisão imaginária.

Essa divisão entre grupos que não se comunicam no processo educacional se configura como obstáculo à inclusão escolar do aluno surdo, porque favorece aos pertencentes ao mesmo grupo se manterem unidos pelas especificidades linguísticas, ou seja, os ouvintes com os ouvintes e os surdos com os surdos.

De acordo com os desenhos, a presença do intérprete educacional não garante a participação efetiva do surdo nas relações com os ouvintes (professor e alunos), posto que, cada desenho marca a delimitação de grupos, isto é, pares linguísticos. Fica, então, evidente nos desenhos e nos dizeres dos entrevistados, que se busca conviver com o familiar, ou seja, com o outro que experienciou o mundo de maneira parecida com o meu eu.

De acordo com Moura e Cavalcante (2013, p. 88) no processo de inclusão educacional do aluno surdo ocorre uma invisibilidade do sujeito em sala, desse modo ocorre um conflito nas relações interpessoais, acarretando alguns posicionamentos dos surdos, como: “ficam nervosos, saem dali ou procuram grupos onde possam conversar livremente em sua língua.”

Destacamos entre as falas dos entrevistados, que os sentidos e imagens atribuídas a atuação do intérprete educacional no ambiente inclusivo foram: (1) separação: cada um no seu quadrado; (2) atenção negadas; (3) pares e suas particularidades; (4) ensino de lado; (5) grupos segregados

A presença do intérprete educacional na sala de aula inclusiva é tida pelos graduandos como acessibilidade comunicacional, bem como esse olhar permeia as suas

concepções acerca da prática do IE e do professor, haja vista que atribuem às ações educativas o sentido de: (1) o quadrado dos surdos e o dos ouvintes; (2) o professor dá mais atenção para os ouvintes, porque é a mesma língua; (3) A professora fala para os ouvintes e a intérprete fala para o surdo (4) a professora de frente para os ouvintes e de lado para os surdos e para o intérprete de Libras; (5) grupo de surdos e grupo de ouvintes vivem separados em sala de aula. Discursos materializados por ações segregadoras no espaço educativo inclusivo.

Os educandos surdos assumem perspectivas semelhantes em relação à atuação do intérprete educacional no contexto na sala de aula inclusiva. Representam o intérprete como pertencente ao grupo do surdo, por usarem a mesma língua, assim torna-se responsável pela aprendizagem do educando surdo, enquanto que, o professor é representado somente como aquele que ensina os ouvintes, haja vista que ambos utilizam o mesmo código linguístico.

O intérprete educacional, então, desempenha função significativa na acessibilidade comunicacional e nas relações pessoais entre surdo e ouvinte. Dessa maneira, os surdos partilham representações a sua atuação técnica linguística, o seu ato educativo afetivo e a mediação de conhecimento e das relações existentes no ambiente educacional.

5. Considerações Finais

Considera-se que a presença do intérprete é de extrema importância frente ao processo de inclusão do aluno surdo, apesar de não ser o único elemento a se considerar. Um espaço educativo implica a ação de sujeitos que se encontrem conectados, isto é, a responsabilidade engloba todos os sujeitos que compõe o espaço, neste caso, todos os graduandos (surdos e ouvintes), professores, intérprete educacional, técnicos, familiares e todos que compõe direta ou indiretamente o local.

Todavia, as representações sociais dos graduandos surdos sobre o intérprete educacional o colocam com o único sujeito capaz de promover a inclusão educativa, linguística, afetiva e sociocultural do surdo, haja vista que ancoram sua atuação na acessibilidade e objetivam ao dizer “ sem intérprete sem acesso”; “não entendo nada sem o intérprete” e “ele explica a fala do professor”.

Desta forma, os surdos ancoram o imaginário do processo de inclusão única e exclusivamente à acessibilidade comunicacional, mesmo que esta seja fragmentada. Consideram que estão incluídos no espaço educacional pela presença do intérprete em sala.

Entretanto, é pertinente pontuar que o processo de inclusão educacional não é somente remover barreiras comunicacionais, como também, atitudinais, arquitetônicas, etc. É repensar um fazer educativo pautado na diferença como alteridade, na dialogicidade e na heterogeneidade na classe escolar.

É desconstruir representações sociais marginalizadas, estigmatizadas e preconceituosas acerca do outro surdo. É conviver com o outro diferente por meio de uma prática educativa de convivência para além da diversidade, e sim para as diferenças socioculturais e individuais.

Referências

DOZIART, Ana. **O outro da educação: pensando a surdez com base nos temas Identidades/Diferença, Currículo e Inclusão.** Vozes: Petrópolis-RJ, 2009.

FLEURI, Reinaldo Mattas. **Políticas da Diferença: Para além dos Estereótipos na Prática Educacional.** Educ. Soc, Campinas, Vol 27, n.95, p. 495-520, maio/ago. 2006.

LACERDA, Cristina Broglia. **O intérprete de língua de sinais no contexto de uma sala de aula ouvintes: problematizando a questão.** In: LACERDA, C. B. de; GÓES, M.C.R. de. (Org.). **Surdez: processos educativos e subjetividade.** São Paulo: Lovise, 2000, p. 51-84

LIMA, Niédja Maria Ferreira. **Inclusão escolar de surdos: o dito e feito.** In: DORZIAT, A. **Estudos surdos diferentes olhares.** Porto Alegre: Mediação, 2011, p.141- 170.

LUDKE, Menga, ANDRÉ, Marli. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas,** SP EPUD, 1986.

MARTINS, Vanessa Regina O. Implicações e conquistas da atuação do intérprete de língua no Ensino Superior. Educação Temática digital, Campinas, v. 7, n. 2, p.157- 166, 2006

MOSCOVICI, Serge. **Representações sociais: investigações em psicologia social.** 6ed. Petrópolis-RJ: Vozes, 2009

MOURA, Izaulina César; CAVALCANTE, Fátima Gonçalves. **O tradutor/intérprete de língua de sinais: um mediador de fronteiras.** Espaço Rio de Janeiro, n.38, jul/dez, p.82-90, 2013